Padre Osmar

O Caipira de Deus

Rosângela Teixeira

1ª Edição

Prefácio - 09

Introdução - 13

Capítulo 1 – As lutas de Padre Osmar 17

Capítulo 2 – A Infância e Juventude em Minas Gerais..... 24

Capítulo 3 – As lutas de Padre Osmar continuam... 33

Capítulo 4 – Lagoinha, sua principal luta..... 36

Capítulo Especial – 46

Depoimentos Especiais - 54

Anexos - 247

Agradecimentos Especiais -.....260

Dedico este livro a todos os devotos de Padre Osmar, aos meus pais Rita e Paulo, ao meu filho Kaique Rafael e ao meu marido Relson Coelho por todo apoio e paciência. A Cátia Galheigo, que tanto lutou para ver a realização deste trabalho e ao meu grande incentivador, amigo e anjo Flávio Eduardo.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
(em ordem alfabética)
Maciery Ferreira
Rosa Maria Landim
Relson Aparecido Coelho dos Santos

Em memória de Cátia Galheigo e Flávio Eduardo de Souza

Pároco Roberto Lourenço da Silva
Vigário Carlos Roberto de Carvalho
Paróquia Nossa Senhora da Conceição
Lagoinha – SP

Arcebispo Dom Orlando Brandes
Arquidiocese de Aparecida – SP

Prefeito Tiago Magno de Oliveira
Vice-Prefeito Ivan Carlos Corrêa
Prefeitura Municipal de Lagoinha – SP

Amarildo Pereira Marcos
Presidente da Câmara Municipal de Vereadores de
Lagoinha – SP

Osmar Barbosa nasceu em 14 de julho de 1928, em Ribeirão Vermelho, no Estado de Minas Gerais. Filho de José Cecílio Barbosa e Silvina Miranda, Osmar Barbosa foi ordenado sacerdote em 18 de maio de 1974, pela imposição das mãos de Dom Antônio Ferreira de Macedo, na Congregação dos Oblatos de Cristo Sacerdote. Passou para o clero arquidiocesano de Aparecida em 28 de agosto de 1987. Padre Osmar foi pároco de Lagoinha até 1999, quando foi nomeado Vigário Paroquial da Paróquia Nossa Senhora da Conceição também em Lagoinha. Após uma vida dedicada à Deus e aos irmãos de Lagoinha, Pindamonhangaba, Taubaté e diversas cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, faleceu aos 83 anos, no dia 05 de novembro de 2011.

Prefácio

Existem inevitavelmente em todas as comunidades algumas pessoas que se destacam no decorrer dos tempos. Que se transformam em referência pelas atividades que exerceram em sua vida: seja uma liderança política, econômica, espiritual ou artística.

São personalidades que vão ganhando respeito durante sua vida, principalmente pelo reconhecimento prioritário daqueles que convivem no seu entorno, quaisquer sejam as diversas formas de atividade, e que vão consolidando marcas na identidade local.

A partir daí aquele grupo, aquele bairro, cidade, país passa a dizer com orgulho: somos representados por este ser que marcou nossa história. É o caminho que todo ser humano sonha. Não basta apenas viver, mas deixar um legado, uma marca, muda o patamar da existência. Afinal, não é todo mundo que tem o privilégio de receber uma biografia.

E todo prefácio de uma biografia deveria começar justamente identificando esta trajetória citada acima. Alguém que nasceu, cresceu e foi construindo seu caminho de sucesso.

Contudo, não estamos falando deste percurso comum de todos e todas personalidades biografadas em nossa história. Ao prosseguir nas próximas páginas estaremos frente a frente a um ser iluminado que transcende a construção que pudesse buscar conquistas individuais. Estamos falando de um líder espiritual que

sacrificou toda sua vida pessoal pela busca de paz, amor, cura e o caminho da fé para todos que os encontraram.

"Padre Osmar Barbosa – O Caipira de Deus" traz a trajetória de alguém que não se destacou simplesmente frente à comunidade com a qual ele passou praticamente toda sua vida. Ele transcendeu a cidade. Se o normal seria citar que Lagoinha tem orgulho de ter construído um padre como o Padre Osmar, é muito claro que o Padre Osmar transformou Lagoinha numa cidade muito melhor: a cidade dele.

Aquela localidade que pelo privilégio de ter sua presença, transformou-se num centro de peregrinação, manteve-se a cidade mais católica do estado de SP pelos institutos oficiais de censo tamanho a sua envergadura e influência.

Trata-se de uma biografia tão interessante que a autora desta pesquisa, Rosângela Teixeira, não poderia ter encontrado uma metodologia mais assertiva: não temos muito o que falar, analisar, identificar, basta escutar o depoimento do próprio Padre Osmar e daqueles que puderam conviver com ele. A obra está pronta por si só.

Tive a oportunidade de conviver com o Padre Osmar em muitos momentos de minha vida. Sua energia e sua luz sempre irradiava. E sua entrega por inteiro à sua missão o fazia viver inteiramente pela vida das pessoas.

Ele não teve tempo de traçar um plano de quais seriam seus objetivos para se tornar grande, pois repito, a sua individualidade nunca existiu, e seu objetivo não era tão mundano. Agora se há exemplo maior de entrega e

amor ao próximo entre àqueles que tive oportunidade de conhecer até hoje eu desconheço.

Eu acredito que algumas pessoas possuem sim dons especiais, sentimentos diferentes e, principalmente, que são atalhos para a plenitude e o sagrado em nossas vidas. Nos deixam mais pertos de Cristo e de todo o ensinamento que ele nos deixou.

Para sintetizar, temos nas próximas 264 páginas várias oportunidades de conhecer, aprender, relembrar, celebrar, e, principalmente, agradecer de como a vida pode ser especial.

Ler os depoimentos de pessoas que foram muito próximas ao Padre Osmar como do Clóvis Campos, do Diego Magno, da Irmã Marta – só para citar alguns exemplos – reforçaram os detalhes de seu cotidiano transformador na vida das pessoas. Mas isto será só o começo a partir de agora.

A pesquisa da Rosângela foi semelhante a tarefa de uma escavação arqueológica na qual uma empreitada seria diferente desde a saída: não se estava em busca de uma riqueza específica, mas sim da multiplicação de algo muito mais valioso que qualquer busca material através de um exemplo concreto de plenitude da existência.

Padre Osmar mudava para melhor a vida das pessoas.

"Se a cruz for pesada, Cristo estará contigo..."

Padre Osmar muda para melhor a vida das pessoas.

"O mundo pode até fazer você chorar..."

Padre Osmar ainda vai mudar a vida de muitas pessoas!

"Mas Deus te quer sorrindo."

João Rafael Cursino

Introdução

Confesso que até hoje não entendo o motivo que fui escolhida por ele (Padre Osmar) para organizar esta biografia, pois muitas pessoas conviveram com ele por muito mais tempo e eram bem mais próximas a ele do que eu.

Minha convivência em Lagoinha iniciou-se no ano de 2000, quando minha família adquiriu uma propriedade na zona rural do município, nessa época Padre Osmar já era um padre muito conhecido em toda região, mas sinceramente eu não tinha noção dessa importância para os lagoinhenses.

O meu primeiro contato com ele deu-se durante a missa de corpo presente do meu futuro sogro, o saudoso vereador Coelho.

Dez meses depois do falecimento do meu sogro, eu e meu futuro marido Relson Coelho, resolvemos marcar a data do nosso casamento, Relson manifestou o desejo que a celebração fosse feita pelo então vigário Padre Osmar concordei, mas confesso com certo receio, pois muitos diziam que ele era muito bravo durante as celebrações de matrimônio.

Lembro que entrei pontualmente às 17h, com medo que ele desistisse da celebração e a partir desse momento a nossa história teve início, durante a celebração conheci um padre dócil, que por muitos momentos sorriu, fez brincadeiras e ainda gargalhou no momento que o Relson esqueceu o meu nome (acontece né amigos). Lembro que no final da cerimônia ele me deu

um abraço, abraço que se tornou um marco do nosso reconhecimento (eu acredito ser um reconhecimento de almas).

Passando oito meses da celebração do meu casamento recebi o convite do então vereador Maciery para que eu escrevesse a biografia do Padre Osmar, fiquei muito animada com a ideia, mas bateu aquela preocupação, em como eu iria fazer isso.

Pensei uns dias, arrumei um gravador MP3 e no dia 21 de outubro de 2010 criei coragem e fui até a casa dele para entrevistá-lo, depois da entrevista realizada, guardei por hora para pensar em como trabalhar mais a frente. Exatamente um ano depois, em 05 de novembro de 2011, por volta das 17h chega à notícia do falecimento do Padre Osmar.

Passados dois meses do seu falecimento retomei a ideia da biografia, em janeiro de 2012, o idealizador da biografia o então vereador Maciery, juntamente com o nosso amigo Tiago Magno (hoje Prefeito de Lagoinha), decidimos conhecer um pouco mais da história de Padre Osmar, começamos então visitando suas origens em Minas Gerais.

Visitamos as cidades de Perdões, Lavras, Ribeirão Vermelho e Formiga, foram dias de conversas com seus familiares, principalmente com suas irmãs, Eliete e Nitinha, durante esses dias ficamos hospedados em Perdões, na casa de sua irmã Dona Nitinha, onde tive a honra de me hospedar no quarto em que Padre Osmar se hospedava durante as suas estadias na casa da irmã.

Levantamento de material feito, entrevistas e coleta de dados, retornamos para Lagoinha com todo gás para dar continuidade no projeto.

Na época, criei o Memorial do Padre Osmar no Mercado Municipal, criei o site em sua homenagem e uma página no Facebook denominada Memorial Padre Osmar, mas escrever que era preciso, nada, não fluía, não tinha experiência nenhuma, por mais que eu já tinha tivesse publicado dois livros (monografia da faculdade e pós), escrever sobre alguém é algo muito mais complexo. Passaram-se dias, meses e anos e acabei abortando a missão de escrever, até porque muitas coisas aconteceram, mudança de trabalho, perdas de pessoas envolvidas no projeto e principalmente a chegada do meu desejado filho Kaique em 2017.

Fui me distanciando do projeto, mas sempre mantive o Memorial no Facebook como forma de homenagem, e todos os anos desde o seu falecimento participei das missas em sua intenção.

Mas especialmente na missa do dia 05 de novembro de 2020 no auge da pandemia da Covid-19, durante a homília do Padre Beto, atual vigário da Matriz Nossa Senhora da Conceição de Lagoinha, uma passagem chamou minha atenção, Padre Beto enfatizou que nunca é tarde para fazer aquilo que se deseja, e nesse momento entendi que era possível retomar o projeto depois de oito anos, que havia chegado finalmente a hora de escrever.

Com o fim de ano se aproximando e muitos compromissos, ainda fui adiando mais um pouco e foi então em meados de janeiro, durante uma conversa com

o meu marido Relson e com alguns amigos que decidi finalmente retomar o projeto da biografia.

Por fim hoje outubro de 2021 estamos na reta final, com algumas mudanças e com mais maturidade, tenho mais clareza sobre o objetivo desta obra.

A partir de agora você vai conferir na íntegra a entrevista dada pelo Padre Osmar naquela manhã de quinta-feira, com as suas palavras, com o seu jeito simples de falar (mais uma confissão, foi difícil transcrever o seu áudio, primeiro pela falta de recursos na gravação da época) tentei ser o mais fiel possível a sua fala, para que você leitor sinta as palavras dele em seu coração. A obra conta ainda com trechos de entrevista realizadas com pessoas do seu convívio diário, seja na igreja, seja em demais momentos de um homem sem a batina.

Convido você leitor, a conhecer um pouco mais da vida de Padre Osmar Barbosa, o nosso "Caipira de Deus" como ele mesmo se intitulava. Reconheço que ainda falta muito para ser uma obra completa, que foi finalizada em oito meses, mas você leitor por ter certeza, que o trabalho da vida e a obra do Padre Osmar não irá parar por aqui, mas para a recordação dos anos de saudade deixo aqui o início deste trabalho.

Em tempo, para finalizar, hoje entendo o motivo eu fui escolhida por ele, acho que é pelo nosso distanciamento, mas também pelo nosso reconhecimento de almas e por poder entendê-lo, sem julgamentos, afinal estamos em um mundo onde os "santos" são julgados, que dirá os simples homens mortais, como dizia Padre Osmar Barbosa de Lagoinha.

Boa Leitura.

Capítulo 1 – As lutas de Padre Osmar

Manhã de 21 de outubro de 2010, quinta-feira, em sua residência na Rua Santíssima Sacramento, Centro, Lagoinha/SP.

A história de vida de Padre Osmar (contada por ele mesmo)



Foto do dia da entrevista (acervo Memorial Virtual Padre Osmar)

Confesso que cheguei em sua casa bem apreensiva, afinal, estava indo falar com Padre Osmar, uma figura amada e idolatrada por lagoinhenses, por pessoas do Vale do Paraíba e do Estado de São Paulo. Quando cheguei fui recebida pela Maria, funcionária que o

acompanha há anos. Ela bem tímida, disse que não tinha muito que falar, pois falar sobre a vida dele seria ele mesmo que teria que falar. Entrei pela lateral, que dá acesso à sala dos fundos, onde ele costumava atender os fiéis. Chegando lá, bem receosa, cheguei até ele e dei início a uma breve conversa sobre a ideia do livro. Ele bem solícito, tinha dito que o Maciery já tinha conversado com ele, que estava bem animado, que uma vez um jornalista o procurou para ele contar uma pouco da história de sua vida, mais que quando saiu a matéria ele "cortou" tudo o que ele tinha falado.

Ele iniciou falando que imaginava uma biografia igual a do Padre Pio, que falasse sobre a sua infância e o seu sofrimento. Neste momento liguei o gravador e começamos a viagem pela sua história.

Iniciamos nossa conversa com o Padre dizendo que morava em um lugarejo, na roça, em Minas Gerais, chamado Cervo (neste momento falei para ele que achava que era Ribeirão Vermelho), ele me corrigiu dizendo que não, disse eu nasci em Ribeirão Vermelho, porém não vivi lá, e sim e um lugar entre Três Corações e Lavras (cidades de Minas Gerais), num lugar chamado Cervo. Segui até a idade de ir para o Seminário, fui criança ainda, foi Deus. Peguei um trenzinho, naquele tempo não tinha rodovia, não tinha nada, as coisas eram difíceis, eu saí com 300 mil reis no bolso, pois tinha trabalhado e tinha conquistado aquele dinheiro, pois eu trabalhava desde os 9 anos. Só de viagem eu gastei o dia inteirinho de lá a Cruzeiro/SP (nesse momento interrompo de novo dizendo que Cruzeiro é minha terra natal), saí 8h da manhã de lá para chegar a Cruzeiro 8h da noite e peguei às 10h da

noite o expresso que ia para São Paulo, aquelas máquinas de vapor (ele até imitou o barulho da máquina). Cheguei em São Paulo, um momento importante da minha vida.

Eu saí de lá (Cervo), o meu pai era encarregado de uma usina elétrica, eu trabalhava com ele nessa usina desde menino, depois queria ir para o seminário, porque me envolvi muito com a Benção do Santíssimo Sacramento, porque eu queria ser padre por causa disso, então eu era coroinha na roça, tinha missa uma vez por mês, eu peguei o trem sozinho e fui parar em Cruzeiro e na Central, viajando pra São Paulo, sentou comigo um português, e esse português começou a conversar comigo, e dai se interessou por mim, dizendo: mas você sozinho, São Paulo é um perigo meu filho.

Padre Osmar falou para ele que iria desembarcar na Estação do Brás, que não conhecia nada, de lá que tinha que ir para a Estação da Luz, porque eu tenho que ir pra Itaici, foi lá que eu conversei com Jesus (neste momento Padre Osmar cita que conversou com Jesus, encontrando o seu caminho).

O português falou assim, eu vou passar na Estação da Luz e você vai comigo, aí ele me pegou e me botou no trenzinho, me deixou lá e comprou a passagem pra mim, eu dei o dinheiro, mas ele comprou pra mim e me colocou no trem de luxo, quando você chegar a Jundiaí, que for gritando Jundiaí, você se levanta e vem pra porta, parou você desce, atravessa o saguão e do outro lado você pega a Sorocabana".

Então eu fiz assim, com uma malinha de papelão, que se chovesse, molhava, cobertozinho feito na roça,

botininha, desci lá e comprei a passagem e já peguei do outro lado o trem, peguei o trem o fui embora.

Quando cheguei a Itaici (Itaici é um bairro de Indaiatuba, hoje lá só tem condomínio, uma fazenda só de Jesuítas), então eles me explicaram, que era para eu ir para o convento (já estavam construindo o que é hoje, duas alas construídas, a igreja estava construída), tinha um convento antigo e o novo.

Cheguei lá o sol estava quente, era umas duas ou duas e meia da tarde lá em Itaici eu tinha saído um dia antes de casa, era uma oito da manhã, para chegar no outro dia as duas da tarde, era muito tempo de viagem.

Chegando lá, deu uma vontade de voltar para trás, mas eu já estava aqui, então eu vou para a frente e fui, quando eu fui chegando deu um medo, porque saiu aqueles pombos do convento, convento antigo, abandonado, cheio de pedaço de batina no chão, eu fiquei com medo de ser assombrado. Atravessei, dei a volta, e tinha muitas cobras que atravessavam o meio da estrada e sai no convento novo.

Quando eles me viram e me acolheram, me levaram com carinho, daí fiquei uns dois anos, foi quando eu iniciei a minha trajetória, dali eu vim pro Colégio São Luiz, na Avenida Paulista, eu trabalhei lá, eu era sacristão e estudava, levantava de madrugada e deitava quase de madrugada, porque era serviço de toda vida, depois, por causa desse meu jeito, eu conquistei muito os alunos que vinham pro seminário, porque naquela época não era faculdade, era o grande Colégio São Luiz.

Então aqueles filhos de deputados coisa e tal eram meus amigos, os padres começaram a implicar um pouco comigo, porque eu ganhava muito presente.

Depois eu vim para a igreja São Gonçalo, atrás da Catedral de São Paulo, naquela época estava na mão dos jesuítas japoneses e foi de lá então que eu vim para o noviciado (condição de quem entra em determinada ordem religiosa), e não me aceitaram e então eu vim para casa.

No dia que eu ia receber a batina, eu saí de madrugada para os outros não verem e fiz uma viagem, passei por Campinas, fui sair lá em Furnas, de lá saí em Formiga, pois o meu pai estava morando em Formiga nessa época, já lá perto de Belo Horizonte, de lá eu vim para os Padres Betharramitas, passei por eles, fiz o noviciado fiquei oito anos, aí pronto...

Por causa do meu serviço, eu fui trabalhar em Belo Horizonte, fui pra Rio das Velhas (região de Minas Gerais) para a Paróquia de São Sebastião, e lá eu movimentei a paróquia. Como eu era apenas um irmão estudando e com dificuldades, trabalhava durante o dia e estudava a noite, que o meu estudo foi assim, e nessa época eu fui convidado para pregar em uma missa e assim me chamaram pra fazer palestras para os operários, era 600 operários (300 na parte da manhã e 300 na parte da tarde e noite), eu ia toda lá, eles me davam 250 cruzeiros na época e isso nasceu uma implicância do padre comigo, dai ele me tirou da congregação, daí eu vim para os Oblatos em 69, fui trabalhar em São Paulo, trabalhei oito anos em São Paulo.

A Paróquia de Jesus Adolescente fui eu que organizei todinha, já filósofo, trabalhando e coisa e tal, fiz o mapa da paróquia todinha, sofri demais da conta, tinha muito protestantes, crentes, me recebiam muito mal. Teve uma (protestante) que tocou um cachorro Pitbull em cima de mim, quase me matou, se não fosse eu ser ágil naquele tempo, eu não era gordinho não (ele riu), eu subi o portão e pulei. Nossa Senhora Aparecida!

E eu não estava de batina, se eu tivesse de batina ele tinha me pegado, então, eu passei por tudo isso.



Jovem seminarista Osmar Barbosa pelas ruas de São Paulo (acervo Memorial Virtual Padre Osmar)

Agora quando estava na hora da minha ordenação, eu fui cozinheiro dentro do convento (perguntei se ele

cozinhava bem), ele respondeu que hoje ele não sabe mais cozinhar, mas até festa eu fiz.

De lá fui pra Belo Horizonte, depois vim pra São Paulo (Vila Matilde), eu tive lá oito anos e nunca almocei em casa nos domingos, sempre me buscavam e eu não era padre ainda, porque eu custei para ordenar.

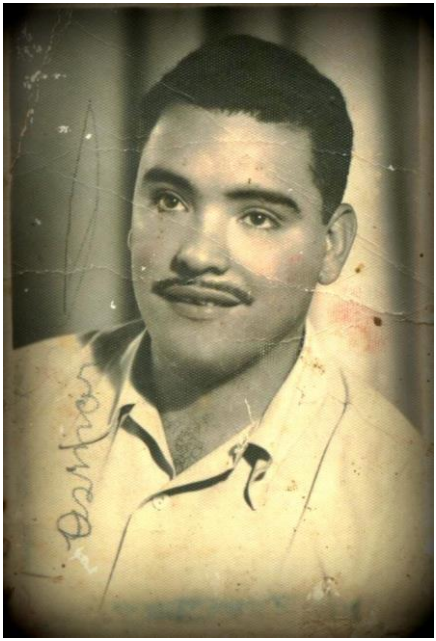
Fui ordenar com 40 anos e vim para cá para Lagoinha, minha primeira paróquia e última, como pároco sim. Trabalhei na Ilha de Marajó, trabalhei em Manaus, fui recrutador de seminário, tinha o seminário aqui (Lagoinha), eu ia buscar criança no Paraná, aqui chegou a ater 70 meninos no colégio.

Eu tratava deles, dava comida, cama, e eles estudavam no Estadual (Escola do Estado), naquela época a escola eram muito rígidos, eles ensinavam muito bem. Por causa de ciúmes acabaram com o seminário, fizeram uma fofoca, daí o padre (Padre Baleeiro) queria tirar eu daqui, me anularam dentro do convento, daí o Dom Geraldo me pegou (Bispo da Arquidiocese de Aparecida), daí passei para a secular. Fiquei uns oito anos nessa congregação (Oblatos de Cristo), depois o restante como padre secular.

Ai que veio a história de Lagoinha, quando eu cheguei aqui, naquele tempo a cidade era só um pedacinho, isso aqui era tudo do Genésio (apontando para um lado da cidade), ele tomava conta, lutava e pronto, a cidade não tinha IPTU, pois o terreno era da igreja, quem quis pagar, pagou, acertou e a cidade voltou a trabalhar.

A minha história é bem ai!

Capítulo 2 – A Infância e Juventude em Minas Gerais



Padre Osmar em sua juventude (acervo Memorial Virtual Padre Osmar Barbosa)

A benção do santíssimo veio numa capelinha de São Sebastião do Cervo, pois eu vim para Cervo com três anos e saí de lá com 13 pra 14 anos.

Cervo era roça mesmo, só tinha uma usina, e pertencia a Lavras, hoje faz parte de Nepomuceno que agora se chama São João de Nepomuceno que fica ao lado de Lavras, eu fui criado ali, foi uma vida assim, gostosa. Morava na roça, meu pai era empregado federal,

era chefe da oficina, o terreno que ficava a oficina ele que tomava conta.

O meu pai era o José Cecílio Barbosa e minha mãe Silvina Miranda, tinha oito irmãos, hoje somos em três só, já morreu tudo. A minha infância foi muito boa, os meus pais eram muito bons.

Minha mãe era a nossa catequista, embora ela tinha pouca leitura, foi ela com o meu pai, eles nos prepararam pra receber a comunhão em Aparecida (Aparecida do Norte/SP), nós viemos de Minas, a minha irmã mais velha com treze anos, eu com onze e a minha irmã mais nova com nove anos, nós fizemos (a primeira comunhão) com o Padre Júlio, ele examinou a gente, meu pai falou que ele perguntou quem tinha dado catecismo pra gente, daí o meu pai falou, foi eu e a minha esposa, pois a gente mora na roça.

Ele (Padre Júlio) mandou um diploma para o papai e pra mamãe, até pouco tempo o diploma tava em casa. Nós recebemos a primeira comunhão, levaram a gente no convento, que antigamente era na basílica velha. Os meus votos e ordenação foram na basílica velha. Tudo ali, na Nossa Senhora Aparecida. A minha história resume nisso (mais ainda temos muito a contar).



Padre Osmar e as irmãs Clair e Eliete em Aparecida do Norte/SP durante a Primeira Comunhão (acervo Memorial Virtual Padre Osmar)

Depoimento de Dona Eliete e Dona Nitinha, irmãs de Padre Osmar

"Com três para quatro anos de idade, meu irmão (Padre Osmar) fugiu da minha mãe, ele era pequenininho, chupava bico (chupeta), ele chupou muito bico que o dente dele ficou meio pra fora. A mãe disse que ele sumiu na parte da manhã, antes do almoço, procurou ele naquele Ribeirão (Ribeirão Vermelho/MG) todinho, naquele tempo não tinha telefone, não tinha alto-falante, não tinha comunicação, não tinha jeito. Ela disse que achou que cigano tinha pegado ele, ou que ele tinha caído no rio, ela procurou, procurou e por fim não tava